

ancestralidade africana. Por fim, o conto problematiza o papel da mulher em uma sociedade de profundas transformações econômicas e culturais e da ausência e reivindicação dos direitos femininos.

LUANDINO VIEIRA E EMMANUEL DONGALA: PERCURSO DE LEITURA

Jacqueline Kaczorowski (Mestrado/USP)
Orientadora: Rita Chaves

Resumo: A comunicação pretende apresentar de forma breve e panorâmica o caminho percorrido durante a pesquisa de mestrado, desenvolvida com o objetivo de estabelecer uma leitura comparativa de duas obras literárias que, frutos de contextos vizinhos, materializam questões que parecem apontar para diferenças significativas na constituição dos sistemas literários a que pertencem. Ao focar as complexas relações que articulam a produção literária às dinâmicas sociais que envolveram as sociedades angolana e congoleza, empreendeu-se um esforço de reflexão, partindo das particularidades de composição verificadas em cada um dos textos literários, sobre as tensões e contradições que marcaram os processos históricos das colonizações portuguesa e francesa em Angola e Congo-Brazzaville, buscando explicitar como as contingências agem de modo complexo e intrincado, de modo a dialeticamente influenciar as possibilidades de representação e as escolhas formais dos autores.

O VERSO PROTOCOLAR DE SEBASTIÃO DA ROCHA PITA

Jean Pierre Chauvin (USP)

Resumo: Descendente de “homens-bons” da capitania baiana, Sebastião da Rocha Pita (1660-1738) foi um dos primeiros a

escrever sobre o Estado Brasil, sob os desígnios da religião católica e o influxo da administração portuguesa, em meio a uma sociedade rigorosamente estratificada, a agir de acordo com os protocolos de seu tempo e lugar. A despeito de sua linguagem – considerada por alguns historiadores como “prolixa” e “gongórica” – e de sua concepção tida por “ufanista”, *História da América Portuguesa* (1730) tornou-se uma obra de referência na cultura do tempo, sendo mencionada por Cláudio Manuel da Costa, em *Vila Rica*, e por Frei de Santa Rita Durão, autor do *Caramuru*. Nesta comunicação, abordo uma face menos conhecida de Rocha Pita, relacionada à sua intensa atividade na Academia Brasílica dos Renascidos, inaugurada na Bahia em 1724. Como membro daquela agremiação – constituída por seletos homens letrados da colônia – Sebastião da Rocha Pita compôs uma quantidade considerável de poemas em que sobressai ora o encômio, ora o vitupério: modalidades resultantes de exercícios do versejador lá investido sob o título de Acadêmico Vago. Na companhia de seus colegas de ofício e arte, Rocha Pita redigiu poemas de tom joco-sério em diversos gêneros (sonetos, décimas etc.), reservados a variados destinatários – por exemplo, o Secretário, Membros da Academia, o Rei Dom João V e uma Mulher desdentada – aplicando às composições preceitos encontráveis nas *Poéticas* de Aristóteles, Horácio etc. A análise da poesia de Sebastião da Rocha Pita permite questionar as supostas virtudes da poética setecentista, incluindo a obra de letrados que circularam no Brasil e em Portugal três ou quatro décadas depois. Os versos do Acadêmico Vago permitem reformular determinadas hipóteses que orientam, ainda hoje, os manuais dedicados ao assim chamado Arcadismo brasileiro, em que a poesia ilustrada parece flutuar entre o “barroquismo” pejorativo e o lirismo romântico positivado.